

## O ENSINO E O USO DO LIVRO DIDÁTICO: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE GEOGRAFIA

*Rute Soares Paiva*

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Geografia - UFPB  
[rutedeitu@hotmail.com](mailto:rutedeitu@hotmail.com)

*Djanní Martinho dos Santos Sobrinho*

Mestrando do Programa de Pós Graduação em Geografia - UFPB  
[djannigeo@yahoo.com.br](mailto:djannigeo@yahoo.com.br)

*Maria Ivanúbia Lopes da Costa*

Pós-Graduanda em Educação, e Linguagens para a Multiculturalidade - UERN  
[ivanubialopes@hotmail.com](mailto:ivanubialopes@hotmail.com)

### Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo mostrar como está posto o uso do livro didático no ensino de Geografia, esse tido muitas vezes como único recurso didático utilizado nas aulas de Geografia, quando na realidade seu objetivo é de servir como suporte para os professores e não como recurso a ser seguido a risca. Para tanto realizamos nosso trabalhos buscando referenciais bibliográficos que trabalham com o uso do livro didático no ensino de Geografia, entre eles Pina (2009); Cavalcanti (2007); Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007); Silva (2006); Castellar e Vilhena (2010) entre outros. Num segundo momento buscamos relatar a nossa experiência no estágio supervisionado de Geografia no nível fundamental II, realizado na Escola Municipal Professor José Porto de Queiróz, na cidade de Itaú-RN. Durante nossa fase de observação percebemos a dependência do livro didático como recurso pronto para aulas de Geografia, diante da nossa observação em sala de aula, procuramos desenvolver um trabalho diferenciado, utilizando o livro como apoio e não como um recurso a ser seguido a risca. Com essa metodologia, embora direcionada a uma turma desmotivada, percebemos um resultado significativo, pois houve uma nova perspectiva de ensino de Geografia e não aquela enfadonha de leitura e atividades do livro. Nesse sentido entendemos que é papel do professor utilizar os conteúdos do livro como suporte, e tentar relacionar ao cotidiano do aluno, e associando com outros recursos didáticos e novas metodologias de ensino.

**Palavras- chaves:** Ensino de Geografia. Livro didático. Experiência do estágio.

### Abstract:

This work aims to show how it is put to use the textbook in teaching Geography, this had often used as the sole teaching resource in Geography lessons, when in reality their goal is to serve as support for the teachers and not as resource to be followed to the letter. Therefore we conducted our work seeking bibliographical references working with the use of the textbook in teaching Geography, among them Pina (2009); Cavalcanti (2007); Pontuschka, Paganelli and Baguette (2007), Silva (2006); Castellar and Vilhena (2010) among others. Secondly we seek to report our experience in supervised training of Geography at the fundamental level II, held at the Municipal School Professor José Queiroz harbor in the city of Itaú-RN. During our observation phase perceive the dependence of the textbook as a resource ready for lessons in geography, in front of our observation in the classroom, we develop a differentiated, using the book as support and not as a resource to be followed to the letter. With this methodology, although directed to a class disheartened, we noticed a significant result, because there was a new perspective on teaching geography and not that boring reading and activity book. In this sense we believe it is the role of the teacher to use the contents of the book as support, and try to relate to the everyday student, and associating with other teaching resources and new teaching methodologies.

Keywords: Teaching Geography. Textbook. Placement experience.

## 1 Introdução

O livro didático é um instrumento bastante conhecido e utilizado nas salas de aulas de todo o país, no entanto tentar definir a função que ele exerce ou deveria exercer é um tanto complexa. Sua utilização é de suma importância, porém as metodologias utilizadas com esse instrumento tornou-se um tema bastante discutido entre pesquisadores. O livro didático tornou-se um produto cultural dotado de complexidade. Nessa perspectiva Miranda e Luca (2004) argumenta:

O livro didático é um produto cultural dotado de alto grau de complexidade e que não deve ser tomado unicamente em função do que contém sob o ponto de vista normativo, uma vez que não só sua produção vincula-se a múltiplas possibilidades de didatização do saber histórico, como também sua utilização pode ensejar práticas de leitura muito diversas. (MIRANDA; LUCA, 2004, p. 124)

Deste modo, o livro didático é um dos principais elementos responsáveis no processo de ensino e aprendizagem, em muitos casos, ele é a única referência de material didático para os alunos, como também para os professores.

Para o Ministério da educação MEC (2004), o livro didático deve ser considerado como um material de apoio, e quando esses são de boa qualidade faz uma grande diferença no processo de ensino-aprendizagem. Esse instrumento metodológico possui uma presença marcante nas salas de aula, por várias vezes acaba por substituir o próprio professor, quando na verdade deveria apenas ser mais um elemento de apoio nos trabalhos do docente. Dessa forma, cabe ao professor à responsabilidade na utilização do recurso, usando de forma adequada, contudo os educadores não podem se acomodar em seu uso. De acordo com (ROMANATTO, 1987, p.85) muitos fatores contribuem para que o instrumento pedagógico receba esse papel de protagonista nas escolas, e principalmente na sala de aula.

[...] um livro que promete tudo pronto, tudo detalhado, bastando mandar o aluno abrir a página e fazer exercícios, é uma atração irresistível. O livro didático não é um mero instrumento como qualquer outro em sala de aula e também não está desaparecendo diante dos modernos meios de comunicação. O que se questiona é a sua qualidade. Claro que existem as exceções. (ROMANATTO, 1987, p.85).

Dessa maneira, não se pode negar a importância do livro nas escolas e nas salas de aula, pois, ele ainda é apesar de todas as novas tecnologias utilizadas em sala à única fonte material impresso utilizado pelos professores, principalmente os de escolas públicas, quando infelizmente não existe contato dos alunos com demais materiais pedagógicos, devido a carência e dificuldades educacionais na qual enfrenta o Brasil.

De acordo com Santos e Carneiro (2006) o livro didático possui algumas funções importantes, e cabe ao professor estar preparado para utilização do instrumento pedagógico em sala de aula, pois os alunos podem desenvolver seus próprios conhecimentos, ou somente reproduzir o que lhes é exposto.

[...] o livro didático assume essencialmente três grandes funções: de informação, de estruturação e organização da aprendizagem e, finalmente, a função de guia do aluno no processo de apreensão do mundo exterior. Deste modo, a última função depende de o livro permitir que aconteça uma interação da experiência do aluno e atividades que instiguem o estudante desenvolver seu próprio conhecimento, ou ao contrário, induzi-lo á repetições ou imitações do real. Entretanto o professor deve estar preparado para fazer uma análise crítica e julgar os méritos do livro que utiliza ou pretende utilizar, assim como para introduzir as devidas correções e/ou adaptações que achar conveniente e necessárias (CARNEIRO e SANTOS 2006, p. 206).

O livro didático ainda é em pleno século XXI uma das principais ferramentas utilizadas em sala de aula, é um dos aparatos de consulta mais empregados pelos professores e alunos. Por isso, é necessário que na escolha dos livros os professores e a própria escola escolham livros diversificados, que não se distancie da sua realidade social, regional e local.

O que se percebe com frequência nas salas de aula é que os profissionais do ensino utilizam os livros como o único instrumento pedagógico, e passam apenas a reproduzir o que está nele escrito, muitas vezes a realidade disponível no material não coincide com a realidade do seu público alvo. Portanto, é necessário antes de direcionar críticas ao próprio material pedagógico, começar a questionar as formas como os docentes estão inserindo esse material nas suas aulas, pois o livro é apenas um instrumento de apoio, um entre os vários caminhos que podem ser percorridos durante o processo de ensino aprendizagem.

## 2 O uso do livro didático nas aulas de Geografia

Em tempos de multimídia, internet, ensino a distância e tantos meio tecnológicos que surgem como auxilio para o ensino aprendizagem, o livro didático ainda continua sendo o recurso mais utilizados pelos profissionais na educação. Conforme nos aponta Castellar e Vilhena (2010), diante da realidade do cotidiano escolar, o livro didático é um instrumento tido como essencial para muitos professores, sendo o mesmo tratado como um fim e não como um meio no processo ensino aprendizagem. No entanto de acordo com o Guia de Livros Didáticos de Geografia, proposto pelo MEC, o livro didático de Geografia “não deve se constituir no único material de ensino em sala de aula, mas pode ser uma referência nos processos de ensino e aprendizagem que estimule a curiosidade e o interesse para a discussão, a análise e a crítica dos conhecimentos geográficos” (2008, p. 09).

Infelizmente na vivência em sala de aula, muitos profissionais do ensino ainda utilizam o livro como um único instrumento e muitas vezes apenas reproduzem o que está escrito no mesmo, sem promover a discussão proposta pelo texto ora lido.

Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007), apontam que na realidade educacional do Brasil, o que se percebe, e é conversa comum entre educadores, é o fato de que o alunado não tem interesse pela leitura, esse sem dúvida é um dos grandes desafios dos educadores compromissados com o processo ensino aprendizagem. As autoras continuam as discussões enfocando que no mundo globalizado, a informação trazida pela mídia, em muitos casos torna-se mais atraente para o alunado. Diante disso o livro didático não pode apresentar um conjunto de informações sem nexos ou correlação, daí surge a necessidade de os autores dos livros desenvolverem formas atraentes de trabalhar assuntos ligados ao cotidiano dos alunos.

É bem verdade que diante da grande extensão territorial do Brasil, o livro didático não tem condições de abraçar a realidade de cada aluno, nesse sentido cabe ao professor relacionar os conteúdos as diferentes realidades e cotidianos dos alunos, tornando assim uma aula que exista diálogo e não apenas a reprodução do que está escrito no livro, sem associação com a realidade vivenciada.

É importante também salientar que nem a palavra do professor, nem a proposta do livro didático, estão livres de falhas, mais uma vez se faz necessário o diálogo e assim se possam formular novos conceitos que venham contribuir para o processo ensino aprendizagem.

No entanto é bem verdade que uma parte significativa de professores, muitas vezes despreparados, ou até desmotivados, seja por uma carga horária excessiva, ou pela falta de reconhecimento do seu grande papel transformador na sociedade, acabam utilizando o livro didático de maneira errônea, sendo o mesmo, como única ferramenta metodologia em suas aulas.

A relação entre o professor e o livro didático deve ser de autonomia e muita competência como com qualquer outro material de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, cabe ao professor oferecer diferentes estratégias de ensino, que possam ajudar no desenvolvimento intelectual dos discentes. A maneira de como utilizar esses materiais, e o próprio livro didático devem ser adequados de acordo com o público alvo, considerando suas habilidades e limitações. Nesse sentido, o professor deve ser autônomo e não dependente do livro nas suas aulas, assim como argumenta Paula Pina (2009), que um dos motivos que explica essa dependência do professor ao livro, é o fato de essa relação já fazer parte da cultura escolar, onde o modelo de transmissão de conteúdos se dá pela leitura trazida pelos livros.

Geralmente o livro didático é utilizado pelos professores numa interação de leitura e interpretação do texto e é nessa relação que para alguns docentes o conhecimento é construído. No entanto, o que acontece, em muitas práticas escolares, é uma leitura superficial sem muito interesse por parte dos alunos e dos professores, que não se sentem estimulados pelo conteúdo e ficam num círculo vicioso de fingimento que estão aprendendo e ensinando algo. (PINA, 2009 p. 51)

Ainda continua pontuando que o uso do livro didático não é considerado errado, mas o que se tem criticado ou o que se questiona é a forma como o mesmo vem sendo trabalhado no dia-a-dia escolar, sendo o mesmo tratado como fim e não como meio no processo de ensino aprendizagem.

O professor Ezequiel Teodoro da Silva (1996) faz uma dura crítica a forma como muitos educadores trabalham com o livro didático, colocando que para muitos educadores o livro é tido como insubstituível, sem a presença do livro não há como orientar a aprendizagem.

Para boa parte dos professores brasileiros, o livro didático se apresenta como uma insubstituível muleta. Na sua falta ou ausência, não se caminha cognitivamente na medida em que não há substância para ensinar. Coxos por formação e/ou mutilados pelo ingrato dia-a-dia do magistério, resta a esses professores engolir e reproduzir a idéia de que sem a adoção do livro didático não há como orientar a aprendizagem. (SILVA, 1996 p.08)

O autor ainda continua relatando que:

O livro didático é uma tradição tão forte dentro da educação brasileira que o seu acolhimento independe da vontade e da decisão dos professores. Sustentam essa tradição o olhar saudosista dos pais, a organização escolar como um todo, o marketing das editoras e o próprio imaginário que orienta as decisões pedagógicas do educador. Não é à toa que a imagem estilizada do professor apresenta-o com um livro nas mãos, dando a entender que o ensino, o livro e o conhecimento são elementos inseparáveis, indicotomizáveis. E aprender, dentro das fronteiras do contexto escolar, significa atender às liturgias dos livros, dentre as quais se destaca aquela do livro “didático”: comprar na livraria no início de cada ano letivo, usar ao ritmo do professor, fazer as lições, chegar à metade ou aos três quartos dos conteúdos ali inscritos e dizer amém, pois é assim mesmo (e somente assim) que se aprende. (SILVA, 1996 p.08)

Essa situação de ver o livro didático como o elemento inseparável do conhecimento é tão forte e presente em sala de aula que alguns docentes se sentem perdidos com ausência do livro, é como se o conhecimento fosse construído apenas a partir da utilização do livro didático.

Castellar e vilhena (2010) enfatizam que o livro didático possui um papel bem mais amplo, ele deve ser entendido como ponto de apoio para a aula, e a partir dele, se possa ampliar os conteúdos, acrescentando outros textos, temas transversais, atividades dentro ou fora do espaço escolar, só assim o livro deixa de ser o protagonista nas aulas de geografia e passa a ser visto como um suporte, gerando discussões e consequentemente construção de conceitos e conhecimento, promovendo assim a formação crítica reflexiva dos nossos alunos.

Ainda nessa perspectiva de análise Tavares e Cunha (2011) aponta que:

Cabe ao profissional docente, de acordo com as suas experiências e reflexões, usar os conteúdos de forma a proporcionar aos alunos um conhecimento melhor contextualizado. Não adianta realizar um trabalho organizado, seguindo uma ordem lógica se a finalidade for apenas à reprodução do conteúdo que está posto, sem a mínima análise crítica ou aproximação deste com os alunos. (TAVARES E CUNHA, 2011).

Concordando com essa ideia Líbano (1994) nos aponta que ao utilizar o livro didático: “Não basta a seleção e organização lógica dos conteúdos para transmiti-los. Antes, os próprios conteúdos devem incluir elementos da vivência prática dos alunos para torná-los mais significativos, mais vivos, mais vitais, de modo que eles possam assimilá-los ativa e conscientemente” (LIBÂNEO, 1994 p.128).

Ainda sobre o uso do livro didático na sala de aula LAJOLO 1996, nos aponta que:

Nenhum livro didático, por melhor que seja, pode ser utilizado sem adaptações. Como todo e qualquer livro, o didático também propicia diferentes leituras para diferentes leitores, e é em função da liderança que tem na utilização coletiva do livro didático que o professor precisa preparar com cuidado os modos de utilização dele, isto é, as atividades escolares através das quais um livro didático vai se fazer presente no curso em que foi adotado. (LAJOLO, 1996 p.06)

Segundo o Ministério da Educação, não se deve esquecer que:

[...] o livro didático é apenas um dos instrumentos de apoio ao trabalho. Assim, o melhor dos livros pode ter exercícios e atividades substituídos, alterados ou complementados [...]. Além disso, escolher um bom livro didático não diminui a necessidade de consultar uma bibliografia; ou seja, [...] [o professor] sempre precisará lançar mão de textos complementares, seja para estudar conteúdos, seja para suprir lacunas, completar e ampliar informações. (2003, p.17)

Nesse contexto, entendemos que os autores supracitados coloca toda a responsabilidade do uso do livro didático nas mãos dos professores, tendo em vista que são eles quem escolhe a forma de trabalhá-lo em sala de aula. A grande crítica que se faz no tocante ao uso do livro didático, diz respeito a como o professor utiliza o mesmo em sala de aula, nesse caso corroboramos com a ideia de LAJOLO, ao afirmar que: “não há livro que seja à prova de professor: o pior livro pode ficar bom na sala de um bom professor e o melhor livro desanda na sala de um mau professor. Pois o melhor livro repita-se mais uma vez, é apenas um livro, instrumento auxiliar da aprendizagem” (1996, p.06).

Cavalcanti (2010) aponta que:

Há evidências de que muitos professores estão permanentemente procurando novas formas de trabalhar e ensinar; novos materiais, novos recursos; novas metodologias. No entanto há também indicativos de que os professores, e os diferentes agentes educativos da escola, têm pouco espaço e pouco tempo em sua jornada de trabalho para encontros coletivos e colaborativos entre si, visando a reflexão sobre essas buscas, no sentido de detectar seus maiores desafios, dificuldades e também conquistas (CAVALCANTI, 2010 p. 129)

Com esse mesmo pensamento Pontuschka, Paganelli e Cacete afirmam que “o livro didático deveria configurar-se de modo que o professor pudesse tê-lo como instrumento auxiliar de sua reflexão geográfica com seus alunos, mas existem fatores limitantes para tal.” (2007, p.343). Essa limitações podem estar relacionada a alta carga horária do professor, que não tendo tempo para elaboração de uma aula diferenciada, de pesquisar outras fontes, outras metodologias para trazer pra sala de aula, acabam se limitando ao livro que está posto como pronto, e acaba utilizando o mesmo como um fim no processo de ensino aprendizagem e não como suporte.

Pinheiro (2012) nos traz em seu livro um relato de sua experiência em sala de aula que nos leva a refletir sobre essa tradição de seguir sempre o livro didático como uma “bíblia” que deve se seguido como está posto. O professor relata que em seu primeiro contato com o magistério, trabalhou como professor temporário em uma escola estadual de Campinas – SP, e era prática da escola atribuir aos novos professores as turmas tidas como as de maior dificuldades. Foi trabalhar então numa turma de 6º ano “G” a disciplina Moral e Cívica, no turno noturno, onde a maioria dos alunos estavam repetindo por vários anos, e trabalham durante o dia, e a noite estudavam.

O professor continua o relato dizendo que a turma era temida pela escola, e realmente ele não conseguia controlar, muitas conversas paralelas, muita bagunça, ate que diante dessa dificuldade e em os alunos não prestar a tensão nas suas aulas, o mesmo teve um ataque de fúria:



“Naquela hora peguei o que estava mais perto de mim, no caso o próprio livro didático, e comecei a rasgá-lo enloquecidamente, jogando as folhas picadas para o alto e depois o que sobrou joguei na lata do lixo que estava ao lado da porta. Por um instante, os alunos pararam o que estavam fazendo e ficaram vidrados em mim. Mas logo seguindo meu exemplo rasgaram seus livros jogando os pedaços para o alto, numa festa de papéis picados, a sala parecia um baile de carnaval” (PINHEIRO, 2012 p 75)

Claro que depois do acontecido o professor relata que foi chamado a atenção da direção, que iria abrir um processo administrativo, o fato que o professor estava decepcionado com a profissão, mas como não tinha quem assumisse a disciplina a diretora orientou que continuasse a dar aulas, no entanto não forneceria mais o livro didático. O professor continua seu relato, ao entrar na sala de aula foi indagado. “um aluno começou a falar: “o que vamos fazer agora professor? O que faremos sem livro? Como vamos estudar?”. Fiquei surpreso, sobretudo quando notei que essa opinião era corroborada por quase todos os alunos da turma”.

É interessante como o uso do livro didático faz parte mesmo da cultura escolar, não apenas os professores o têm como um recurso indispensável, mas os alunos assim também o concebem, não entendo assim o real significado desse recurso didático.

Pinheiro (2012) continua descrevendo que diante da falta do livro, propôs aos alunos conversarem sobre suas vidas, e discutir temas da vivência dele, como: em que trabalham, como se divertem, a família entre outros assunto. E destaca que: “A cada tema discutido os alunos traziam revistas, jornais, fazíamos dramatizações representando o cotidiano do trabalho, da família, até do ônibus em horário de “pico”. O interesse pela aula cresceu gradativamente entre eles” (PINHEIRO, 2012 p 76). O autor ainda pontua que:

Discutimos muitos assuntos envolvendo as experiências dos alunos, resultando em muitas atividades. Nossa participação na Feira de Ciências no final do ano foi notável. De todas as turmas a nossa era a que tinha maior quantidade de cartazes, atividades de dança, dramatização. Esses alunos me fizeram acreditar em outras possibilidades de aprender-ensinar” (PINHEIRO, 2012 p 76).

Claro que essa é uma realidade particular relatada pelo professor, que não deve se ter como um método de chamar a atenção dos alunos, no entanto foi uma experiência válida para essa situação específica. Diante desse relato percebemos que para além do livro didáticos existem outras formas de se trabalhar os conteúdos.

## 2.1 Relato da experiência

Como componente obrigatório dos cursos de formação de professores, o estágio se constitui uma etapa de grande importância na formação do futuro profissional do ensino, pois se tem a oportunidade de vivenciar a realidade da sala de aula e do ensino como está posto, podendo assim fazer uma relação entre as discussões em sala de aula, na universidade, e a prática da vivência escolar. Cumprindo essa importante fase na formação do licenciado, realizamos nosso estágio supervisionado em Geografia, no ensino fundamental II, na Escola Municipal Professor José Porto de Queiroz, no município de Itaú- RN.

Sem dúvidas uma fase de grandes conflitos e dificuldades enfrentamos nessa etapa da nossa formação, realizamos o referido estágio em dois momentos, inicialmente com uma fase de observação, que se deu na turma de 7º ano “B”, para termos um primeiro contato com a escola, a prática do professor cooperador, bem como dos alunos e a própria dinâmica da escola campo de estágio. Esse primeiro contato foi de grande importância, pois se constituiu como o nosso primeiro contato como profissional da educação no ensino público, tendo em vista que já possuíamos experiência em sala de aula como professora de Geografia no ensino privado.

O professor cooperador possuía licenciatura em pedagogia, no entanto era o responsável pela disciplina de Geografia em todas as turmas no turno vespertino. Durante nossa fase de observação, percebemos que o mesmo utilizava o livro didático como único recurso didático, indo de encontro o que é defendido por Cavalcanti (2010, p. 131) “esse recursos são encaminhados às escolas e aos professores, ou são por eles adotados, como suporte ao trabalho escolar, eles devem estar próximos da proposta dos professores da escola, não são materiais para serem seguidos a risca”.

No entanto percebíamos a utilização do livro frequentemente, utilizando a metodologia de leitura e explicação a cada parágrafo lido, logo após os alunos transcreviam o exercício proposto pelo livro didático, e o professor colocava no quadro a quantidade de “linhas” necessárias para as respostas. Na oportunidade pudemos observar algumas fragilidades com relação aos alunos, muitos deles encontravam dificuldades para responder as atividades, buscando apenas respostas prontas oferecidas pelo livro didático, essa dificuldade dos alunos pode ser verificada em quase todo o período de observação da regência, quando o professor orientava para a atividade, os alunos sempre esperavam para que o mesmo orientasse as linhas e a página onde encontrariam a resposta. Após todos responderem o exercício, como forma de avaliação o professor faz uso dos “vistos” outra forma tradicional que além de tudo demandava muito tempo da aula.

Diante da dificuldade encontrada pelo professor para que os alunos tivessem interesse pelas aulas de Geografia, ele buscou uma nova metodologia pra tentar estimular os alunos. O recurso utilizado foi um trabalho em sala de aula de corte e colagem, mesmo sendo uma metodologia bem conhecida, observou-se que os alunos tiveram um maior interesse na elaboração do trabalho. Nesse sentido, vimos à importância de usar novas formas de abordar um assunto trabalhado em sala de aula, para que essa possa chamar a atenção do aluno, proporcionando assim uma melhor assimilação com o conteúdo ora exposto.

O papel do professor é também saber encontrar a melhor forma a ser trabalhado o conteúdo de modo que venha chamar atenção do aluno para uma melhor compreensão. O professor cooperador teve essa consciência e buscou uma nova forma de instigar o aluno para que o mesmo tivesse o interesse de elaborar o trabalho solicitado. É importante que o professor sempre busque novas metodologias, como atividades práticas de desenhos, aulas de campo, usos de recursos áudio-visual para chamar atenção do aluno, entre outras formas para melhor interação do aluno com o conteúdo.

É importante salientar que não se pretende nesse relato expor as deficiências do professor, entendemos as dificuldades postas pelo sistema educacional brasileiro, bem como as dificuldades enfrentadas em relação aos alunos. No entanto destacamos que o livro poderia ser utilizado de forma diferenciada em sala de aula, servindo ele como um direcionador das discussões e do processo de ensino, e não apenas como o único norteador das discussões em sala.

Um segundo momento do estágio, foi a fase de regência em sala, diante da fase de observação, procuramos traçar atividades diferenciadas que pudessem chamar a atenção dos



alunos para a disciplina de Geografia, que é vista de forma tão enfadonha, uma disciplina decorativa. A nossa fase de regência foi realizada na mesma escola, porém em outra turma, nos foi direcionado a turma de 6º ano “C”. Apesar de já ter experiência no ensino privado, encontramos muitas dificuldades de desenvolver nossa regência, pois as turmas além de maiores, possuíam uma falta de motivação, alguns eram alunos repetentes e mostravam pouco interesse pelas aulas. Essa experiência sem dúvida nos colocou a questionar a nossa função enquanto educadora e responsável pelo desenvolvimento intelectual do aluno.

Durante a nossa fase de regência procuramos trazer atividades práticas para os alunos, e não se fixar em atividades postas pelo livro didático, procuramos trazer recursos visuais como o uso do projetor multimídia, onde chamou bastante a atenção dos alunos, ficando claro que desconheciam a utilização do mesmo, provavelmente ainda não tinham o contato direto em outras aulas, já que se mostraram muito admirados com o recuso.

Também procuramos realizar atividades práticas, como a localização de latitude e longitude, na oportunidade no próprio piso da sala desenhamos paralelos e meridianos, e instigamos os alunos a localizar a latitude e longitude dos pontos. Essa atividade chamou bastante a tensão dos alunos que de forma diferenciada trabalhamos um aluno muitas vezes de difícil apreensão.

É importante salientar que embora corroboramos com a ideia de que na teoria a prática é diferenciada, tendo em vista que cada realidade de sala de aula se comporta diferentemente, destacamos como importante as aulas de orientação de estágio, onde foram discutidos textos que nos ajudaram na nossa reflexão, desenvolvimentos de oficinas que pudemos realizar novas formas de abordagens de conteúdos, bem como a própria conversa com os colegas, que traziam todos os dias as inquietações, dramas e curiosidades sobre seu processo de observação e ou regência em sala.

Nesse sentido entendemos que o livro didático serve apenas como norteador das aulas, não devendo ser tratado como único recuso. Portanto, como já dizia Cora Coralina “O saber a gente aprende com os mestres e com os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes”.

### 3 Considerações Finais

Diante de todas as revoluções metodológicas, surgimento de aparelhos tecnológicos que auxiliam o professor no processo ensino aprendizagem, o livro didático ainda tem sido o recurso escolar mais utilizado nas salas de aula. Além disso, enquanto recurso didático este ainda tem sido o direcionador de conhecimento de muitos educandos e profissionais da educação em várias salas de aula.

Ao utilizar livros didáticos como recurso pedagógico em sala de aula, é necessário fundamentar métodos que possam ser desenvolvidos com esse instrumento de ensino, dessa maneira as ganham um diferencial, e não tornam cansativas e enfadonhas, antes de qualquer coisa, cabe ao professor conhecer e analisar as características dos livros e planejar as várias possibilidades de trabalho considerando as características do seu público alvo.

Até os dias atuais o livro didático ainda é um dos instrumentos mais utilizados pelos professores, mas, é importante considerar que os livros não são a única opção didática disponível que contribuí para o desenvolvimento intelectual dos alunos.

O livro didático é um material de forte influência na prática de ensino brasileira. É preciso que os professores estejam atentos à qualidade, à coerência e a eventuais restrições que apresentem em relação aos objetivos

educacionais propostos. Além disso, é importante considerar que o livro didático não deve ser o único material a ser utilizado, pois a variedade de fontes de informação é que contribuirá para o aluno ter uma visão ampla do conhecimento. (BRASIL, 1997, p. 67)

O instrumento pedagógico é apenas um dos caminhos que devem ser percorridos pelos professores, cabe ao docente decidir como melhor utilizar esse aparato em sala de aula.

Podemos perceber o livro didático ele vem acompanhando o processo de da institucionalização do sistema educacional, diante disso, tornou-se um dos grandes símbolos da cultura escolar, tal como apresenta Pina (2009):

Estudando a história do livro didático, percebe-se que este recurso esteve presente em praticamente todo o processo de institucionalização do sistema educacional no Brasil, servindo de fonte de conhecimento tanto para professores quanto alunos e direcionando o que se devia ser estudado nas escolas e a metodologia utilizada para aplicação dos conteúdos. Nesse percurso o livro didático tornou-se uma das maiores tradições da cultura escolar brasileira. (PINA, 2009, p 92)

O livro didático possui sim função importante no processo de ensino aprendizagem, no entanto o que se questiona é o mau uso do mesmo em sala de aula, pois uma das práticas mais recorrentes que são encontradas na sala de aula é o professor se utilizar do livro didático como se ele suprisse toda a necessidade que o processo de ensino e aprendizagem requer, sendo o mesmo utilizado como única fonte de conhecimento. Em muitos casos sem o livro didático torna-se impossível para o professor ministrar sua aula, pois as aulas se resumem em ler e interpretar o que está posto no livro, sem muitas vezes haver uma discussão crítica sobre determinado assunto, sem relacionar o conteúdo trabalhado com a realidade do aluno.

Destacamos que a experiência ora relatada foi de grande importância pra nossa formação como docente, pois embora já tivéssemos experiência em sala de aula, numa escola privada e de pequeno porte na cidade de Itaú – RN, o contato com a educação pública nos fez sentir na “pele” as dificuldades do sistema de ensino público brasileiro. No entanto diante dessas dificuldades, e de incertezas quanto ao nosso futuro como educadora, procuramos desenvolver nosso trabalho de forma proveitosa.

Diante da experiência do estágio supervisionado percebemos a dependência do professor cooperador com relação ao uso do livro didático, bem como a forma tradicional de ler e interpretar o texto proposto pelo livro. No entanto entende-se as dificuldades impostas pelo sistema, como alta carga horária, ministrar disciplinas que não teve formação específica, salas superlotadas, entre outros fatores impostos que dificulta o trabalho do professor. Entendemos a realidade posta no sistema educacional brasileiro, no entanto é dever do professor entender a finalidade do livro didático na sala de aula.

O ideal seria que o professor utilizasse o livro apenas como umas das alternativas didáticas disponível, não se limitando ao seu uso, pois ele é apenas uma das ferramentas entre tantas capazes de proporcionar um ensino de qualidade. No entanto, o professor ainda possui grandes dificuldades na utilização correta desse instrumento pedagógico. Tal como ressalta Soares (2002, p.2):

Há o papel ideal e o papel real. O papel ideal seria que o livro didático fosse apenas um apoio, mas não o roteiro do trabalho dele. Na verdade isso dificilmente se concretiza, não por culpa do professor, mas de novo vou insistir, por culpa das condições de trabalho que o professor tem hoje. Um

professor hoje nesse país, para ele minimamente sobreviver, ele tem que dar aulas o dia inteiro, de manhã, de tarde e, freqüentemente, até a noite. Então, é uma pessoa que não tem tempo de preparar aula, que não tem tempo de se atualizar. A consequência é que ele se apóia muito no livro didático. Idealmente, o livro didático devia ser apenas um suporte, um apoio, mas na verdade ele realmente acaba sendo a diretriz básica do professor no seu ensino. (SOARES, 2002, p. 2).

Deste modo, muitas das vezes o problema da má utilização do material didática, também é culpa das condições de trabalho oferecida aos profissionais da educação. Durante e nossa prática no estágio também enfrentamos essas dificuldades, no entanto procuramos trabalhar de forma a não nos prender somente ao livro, procurar ter o mesmo como um recurso norteador, mas não o único, onde deve ser trabalhado a risca, onde a seqüência deve ser seguida, e o conteúdo deve ser ministrado como se apresenta. Pois entendemos que a função do livro didático é a de dar suporte no processo ensino aprendizagem e não ser o único recurso para esse objetivo.

#### 4 Referências

BRASIL, M. E. **Guia de livros didáticos PNLD 2008: Geografia**. Brasília: MEC, 2007.

\_\_\_\_\_.S. E. F. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução**. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF,1997.

CARNEIRO, M. H. da S.; SANTOS, W. L. P.; MÓL, G. S. **Livro Didático inovador e professores: uma tensão a ser vencida**. Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências, V. 7, N. 2, dez 2005.

CASTELLAR, S.; VILHENA, J. **Ensino de geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010. (Coleção Idéias em Ação, coordenadora Anna MariaPessoa de Carvalho).

CAVALCANTI, L. S. **O ensino de Geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

LAJOLO, M. O. Livro didático: um quase manual de usuário. In. **Em Aberto – O livro didático e qualidade de ensino**. Brasília: INEP, nº 69, ano 16, jan./fev., 1996.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez. 1994.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Introdução Geral. **Guia de livros didáticos de 1ª a 4ª séries – PNLD/2004**. Brasília: Ministério da Educação, 2003.

MIRANDA, S. R. e LUCA T. R. **O livro didático de história hoje: Um panorama a partir do PNLD**. Revista Brasileira de História. vol. 24, nº48. São Paulo. 2004.

PINA, P. P. G. N. **Relação entre o ensino e o uso do livro didático de Geografia**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2009.

PINHEIRO, Antônio Carlos. **Lugares de Professores: Vivências, formação e práticas docentes nos anos iniciais do ensino fundamental.** São Paulo: Porto de ideias, 2012

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. e CACETE, N. H. **Para aprender e ensinar Geografia.** São Paulo: contexto, 2007.

ROMANATTO, M. C. **A noção de número natural em livros didáticos de matemática: comparações entre textos tradicionais e modernos.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, São Carlos – SP, 1987. [www.sbempaulista.org.br](http://www.sbempaulista.org.br)

SILVA, E. T. Livro didático: do ritual de passagem à ultrapassagem. In. **Em Aberto – O livro didático e qualidade de ensino.** Brasília: INEP, nº 69, ano 16, jan./fev., 1996.

SOARES M. B. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na Cibercultura.** Educação e Sociedade: dez. 2002, v. 23. n. 81.

TAVARES, D. A.; CUNHA J. S. **O livro didático e o ensino de Geografia:** Algumas reflexões. Disponível em:

<http://www.educonufs.com.br/vcoloquio/cdcoloquio/cdroom/eixo%205/PDF/Microsoft%20Word%20%20LIVRO%20DIDATICO%20E%20%20ENSINO%20DE%20GEOGRAFIA.pdf>. Acesso em 21/06/2013.